

Notícias

Reportagens

Colunas

Blogs

Agenda

Governança distribuída para combater o desmatamento

Por Bernardo Camara

domingo, 26 março 2017 23:19 2 Comentários



571



G+



Mark Murphy, diretor de sustentabilidade da Cargill, fala no evento TFA2020, em Brasília. Foto: Marcio Isensee e Sá

Era mais um dia normal para o McDonald's. Até o momento em que galinhas de dois metros de altura invadiram as lojas da rede na Europa e se acorrentaram aos pés das mesas. Os clientes ficaram atônitos. E não foram os únicos. “O presidente do McDonald's nos ligou e deu o ultimato: ‘Resolvam este problema’”, recorda Mark Murphy, diretor global para sustentabilidade da Cargill. Sob a fantasia de galinhas, ativistas do Greenpeace denunciavam naquele abril de 2006: o gado e o frango usados nos sanduíches da rede de fast-food eram alimentados com soja, e esta última estava deixando um rastro de desmatamento na Amazônia brasileira. A principal fornecedora era a [Cargill](#), multinacional de alimentos e uma das gigantes na comercialização e distribuição de commodities agrícolas, como soja e óleo de palma, com 150 mil funcionários em 70 países, 8 mil só no Brasil.

A ação do Greenpeace estampou jornais no mundo todo. E a denúncia resultou num acordo que ficou conhecido como [Moratória da Soja](#): a partir dali, a indústria se comprometeu voluntariamente a excluir o desmatamento de sua cadeia produtiva. Murphy relembrou a história na sua fala no painel de abertura da Segunda Assembleia Geral da Tropical Forest Alliance 2020 (Aliança da Floresta Tropical), uma iniciativa global que reúne governos, empresas e sociedade civil com o objetivo de acabar com o desmatamento na produção de commodities como soja, carne, madeira e óleo de palma. A reunião ocorreu em Brasília, entre os dias 20 e 22 de março.

“Não parece muito tempo, faz dez anos. Mas no quesito comportamento sustentável, o agronegócio

brasileiro não tinha nada a ver com o que temos hoje”, afirma Carlo Lovatelli, presidente da **ADIOVE (Associação Brasileira da Indústria de Óleos Vegetais)**, que tem entre os associados multinacionais como a Cargill, a Bunge e a Amaggi. Não foi apenas o agronegócio que mudou. De lá para cá, as estratégias para enfrentar o desmatamento de florestas tropicais passaram a incluir cada vez mais outros atores além de governos. Se as leis e repressão a infrações, o chamado “comando e controle”, eram as principais ferramentas usadas nesta luta, hoje é quase impossível falar de combate ao desmatamento sem olhar para o setor privado e sua produção de commodities.

A cada ano, o número de empresas e governos comprometendo-se com o fim do desmatamento em suas cadeias produtivas aumenta. De acordo com o projeto Supply Change, da ONG **Forest Trends**, hoje já são mais de 400 companhias assumindo globalmente cerca de 700 compromissos deste tipo. Um aumento de 43% em relação ao ano anterior. Quase sempre, essas empresas produzem ou compram commodities de países com vasta cobertura florestal, como Brasil e Indonésia. “Cerca de 12% dos compromissos que monitoramos envolvendo soja e 28% dos relacionados à pecuária estão focados no bioma Amazônia”, afirma Stephen Donofrio, um dos coordenadores do Supply Change.

Comando e acordos

TFA 2020 - Isabella Vitali



571



“As ações de comando e controle chegaram até onde poderiam. A partir de um ponto, elas não conseguem mais avançar muito sem a cooperação de outros setores. É neste momento que começam a surgir as parcerias público-privadas e os mecanismos de mercado para segurar o desmatamento”, diz Isabella Vitali, diretora no Brasil da **Proforest**, organização que apoia empresas e governos na implementação de compromissos para a produção e compra de commodities livres de desmatamento. Segundo ela, a Moratória da Soja traz um pioneirismo em seu arranjo, ao envolver indústria, governo e sociedade civil. Para além das fronteiras nacionais, até hoje a experiência é encarada como exemplo. “Depois dela surgiu uma moratória semelhante para a Mata Atlântica no Paraguai, e estão tentando fazer algo parecido na Indonésia, para óleo de palma”.

O caminho é sem volta, como mostra a **Tropical Forest Alliance 2020**. Com cinco anos de estrada, a TFA 2020 veio ao mundo por uma demanda do próprio setor privado. Sinal dos tempos. Em 2010, o **Consumer Goods Forum (CGF)** – uma rede de grandes empresas globais como McDonald’s, Unilever e Nestlé – aprovou uma resolução em que seus membros assumiram o compromisso voluntário de, até 2020, atingir o desmatamento zero líquido em suas cadeias de suprimento.

Como a tarefa é hercúlea, as mesmas empresas concluíram que sozinhas não chegariam a lugar algum. “Elas, então, demandaram uma plataforma em que pudessem dialogar com outros setores, em especial os governos e as organizações da sociedade civil. E daí nasce a TFA 2020”, explica Fabíola Zerbini, coordenadora regional da rede na América Latina.






"Antes da Moratória, 30% da expansão da soja na Amazônia foi em áreas desmatadas. Depois do acordo, esse número caiu

Na última semana, o clima era de intercâmbio no evento da TFA2020. Mark Murphy, da Cargill, relembrou a história das galinhas no McDonald's sentado lado a lado com o ex-diretor do Greenpeace, Marcelo Furtado. Outros tempos: “Numa sociedade global, você tem que entender que um objetivo tão ambicioso como acabar com o desmatamento só pode ser alcançado em parceria”, diz Furtado.

Foi o que aconteceu no caso da Moratória da Soja. E é o que está acontecendo no Acordo da Pecuária: desde 2009, frigoríficos, supermercados e empresas multinacionais que compram carne ou couro de gado criado na Amazônia vêm se comprometendo a eliminar o desmatamento de suas cadeias produtivas.

Funciona

Os dados mostram que a estratégia dá certo. Em um levantamento publicado pela revista Science, pesquisadores americanos e brasileiros chegaram à conclusão: antes da Moratória, 30% da expansão da soja na Amazônia foi em áreas desmatadas. Depois do acordo, esse número caiu para cerca de 1%.

571  um outro estudo, da [ONG Imazon](#), as mudanças também aparecem no setor da pecuária. Segundo os  idos, a JBS, maior frigorífico que atua na Amazônia brasileira, reduziu as compras de gado de áreas  smatadas ilegalmente. Numa amostragem, os pesquisadores analisaram as plantas frigoríficas da  mpresa que respondiam por 30% do abate no estado do Pará. O [trabalho concluiu](#) que o percentual de  zendas fornecedoras da JBS que haviam desmatado entre 2009 e 2013 caiu de 36%, antes do acordo, para 4% depois dele.

Para Fabíola Zerbini, a mudança no comportamento do setor privado veio com um amadurecimento e uma nova noção de responsabilidade compartilhada: “Há um marco recente que chama para a corresponsabilidade, que pode ser movimentada por um pioneirismo de marketing – quando uma empresa quer agregar valor social e ambiental à sua marca – ou por uma pressão de reputação – quando elas começam a ver seus produtos associados a problemas sociais e ambientais”.

Quando o Greenpeace colocou ativistas vestidos de galinhas nas lojas do McDonald's, ele sabia bem que estava mexendo com a reputação de todo um setor. As empresas começaram a trazer para a si a responsabilidade sobre o desmatamento da Amazônia. E, neste caso, resolveram se mexer pelo risco de ter sua história associada à destruição das florestas.

Nesta construção, o Estado deixa de ter um papel preponderante, abrindo espaço para caminhos alternativos de solução. “Começam a nascer mecanismos de governança privada, trazendo respostas que o governo, enquanto Estado, não consegue mais trazer, porque as coisas estão mais complexas”, afirma Fabíola. “Criam-se, então, estruturas de governança quase paralelas. São acordos voluntários, mas que estão ali. E a partir deles, acaba-se regulando, legislando sem ser governo”.

Métricas

Com o aumento de atores e compromissos assumidos, crescem também as plataformas de dados que ajudam no monitoramento e na implementação destes acordos. O próprio [Supply Change](#), da Forest Trends, é uma delas. Anualmente, o projeto publica um relatório com um panorama das empresas envolvidas em acordos contra o desmatamento e o desempenho delas neste caminho.

No evento da TFA 2020 em Brasília, também foi apresentada pela primeira vez no Brasil a plataforma de transparência [Trase](#), que pretende mapear as cadeias produtivas de commodities numa escala sem precedentes. Com apenas alguns cliques, a Trase levanta detalhes sobre desmatamento, dados de comercialização, uso de trabalho escravo e outros riscos associados à produção dessas commodities. Assim como aponta oportunidades de investimento em locais onde estão sendo implementadas práticas sustentáveis.

A ferramenta foi lançada oficialmente no fim de 2016, durante a [Conferência do Clima no Marrocos](#). Por meio dela, é possível, por exemplo, observar as taxas de desmatamento num município onde a soja é



Ativistas fantasiados do Greenpeace. Foto: Jiri Rezac/Greenpeace

nesses locais, e pesquisas, por exemplo, sobre os impactos do desmatamento na produção de soja e exportada por empresas que já assumiram compromissos pelo desmatamento zero, comparando com outros municípios onde a commodity é exportada por empresas que não assumiram compromissos. Enxergar a dinâmica da supressão de floresta entre esses dois cenários pode dizer muito sobre a eficácia dos compromissos.

Por enquanto, a Trase traz um mapa da soja brasileira e paraguaia, além da carne bovina exportada por Brasil, Paraguai e Argentina. Nos próximos cinco anos, a plataforma pretende oferecer informações sobre mais de 70% da produção total de commodities que representam riscos à floresta. Todas as informações disponíveis ali podem ser baixadas gratuitamente.

f 571

Se os dados não existem ou não estão disponíveis, é impossível dizer se um acordo pelo desmatamento zero está tendo sucesso ou não. A Trase é uma ferramenta quase única para ajudar a responder esta pergunta”, diz o pesquisador [Toby Gardner](#), do Instituto Ambiental de Estocolmo e um dos criadores da Trase.

O cenário, portanto, é fértil: com um intenso intercâmbio global, proporcionado por iniciativas como a Tropical Forest Alliance 2020, as ferramentas e mecanismos contra o desmatamento estão cada vez mais sólidos e poderosos. Mesmo assim, a luta está longe do fim: nos últimos anos, os índices de devastação da floresta voltaram a subir na Amazônia.

“Em todas as discussões internacionais que participo, o Brasil sempre aparece como herói e como vilão ao mesmo tempo. Todo mundo reconhece os avanços e as muitas soluções inovadoras feitas aqui”, diz Isabella Vitali, do Proforest. “Mas quando olham a notícia de que o desmatamento continua crescendo, os países olham para cá com bastante receio. No linguajar do setor privado, o Brasil continua sendo uma origem de risco”.

Leia também



Amazônia: em 4 anos, desmatamento em Unidades de Conservação quase dobra

Estudo da ONG Imazon aponta o aumento e lista as áreas mais críticas, que se concentram em UCs de uso sustentável. Pará e Rondônia lideram ranking

(o) ((o))eco

12

Operação 'Carne Fria' do Ibama autua JBS, mas governo federal tenta abafar



Frigoríficos compravam bois em área embargada. Notícia vem em meio ao turbilhão da Carne Fraca

(o) ((o))eco

18



571



Parlamentares podem até extinguir a Floresta Nacional de Jamanxim



Emendas feitas à MP original suprimem a área protegida e até propõem alterar partes do SNUC, a lei mais alta do país sobre o assunto

(o) ((o))eco

6

575

Shares



571



acordos na cadeia de suprimento

amazônia

commodities

desmatamento

Em direção ao desmatamento zero

mecanismos de mercado

moratória da soja

TAC da Carne

Este artigo foi postado em domingo, março 26th, 2017 as 23:19 na categoria [Reportagens](#). Você pode seguir esta postagem através do feed [RSS 2.0](#) se quiser. Você pode pular para o final e deixar um comentário. Pings não são permitidos.

Comentários (2)

Logar

Classificar por: **Data** Classificação Última Atividade



Everardo · 1 dia atrás

+4

O Greenpeace nunca esteve preocupado só com o meio ambiente, se é que esteve em algum momento. Dá pra perceber ao se atacar uma empresa que tem um símbolo forte, como o McDonalds. Como várias ONGs, não se consegue mais separa-las da esquerda mundial, já que o papai George Soros enche os cofres delas.

Responder

Relatar



Arnaldo · 1 dia atrás

+2

<https://theintercept.com/2017/03/16/moratoria-da-...>

Responder

Relatar

Postar um novo comentário

Digite o texto aqui!

Comentar como Visitante, ou logar:

Nome

Mostrar junto aos seus comentários.

Email

Não mostrado publicamente.

Website (opcional)

Se você tem um website, linke para ele aqui.

Assinar

Enviar Comentário

Quem somos

((o))eco é feito pela Associação O Eco, uma organização brasileira que se preza por não ter fins lucrativos nem vinculação com partidos políticos, empresas ou qualquer tipo de grupo de interesse.



571



Youtube

Twitter

Facebook

Assine

Nome

Sobrenome

Email *




Quem somos

Assinar!

Política de comentários

Fale conosco

Apoie o Eco



O Eco

Gostar da Página 151 m gostos

1 amigo gosta disto

